

O mercado matou Michael Jackson

Paulo Capel Narvai *

Na mídia, o assunto vai e volta. Morto há várias semanas, o corpo segue insepulto. Para a família, Michael Jackson foi assassinado. Para a Justiça dos Estados Unidos, também. Aceitando-se essa hipótese, seguem-se os inevitáveis quem e por quê? O médico está sendo apontado pela polícia como o principal suspeito. Mas, por que o faria? Parece não fazer sentido. Melhor ir direto ao ponto e acusar o mercado, alma do capitalismo globalizado, do qual Jackson segue sendo um símbolo, haja vista o aumento registrado nas vendas de tudo o que se relaciona a ele, desde sua morte. Porém, nem é preciso investigar quem o matou, pois é possível ver daqui, desde o planalto de Piratininga, a mão invisível do mercado praticando o ato homicida.

Uma das principais dificuldades dos especialistas em saúde pública, em todo o mundo, é organizar sistemas e serviços de saúde que produzam efetivamente saúde. Sistemas e serviços ditos de saúde têm muitas dificuldades para, efetivamente, produzir saúde. Lidam com doenças e doentes e, em geral, tem o alcance de suas ações esgotando-se no que se denomina "assistência médica". Mas saúde não decorre, automática e diretamente de assistência médica, por melhor que seja. A assistência ajuda, em alguns casos ajuda muito, mas é impotente para "produzir saúde", que tem muito mais a ver com o modo como as pessoas trabalham e vivem, além dos aspectos biológicos, não controláveis por recursos assistenciais que, muitas vezes, são decisivos. Para que os sistemas e serviços de saúde tenham influência positiva na saúde das pessoas, é indispensável que os cuidados oferecidos à população levem em conta o que os especialistas identificam como "as necessidades em saúde" das pessoas, sendo a "saúde" compreendida como uma espécie de "estar bem no mundo". De modo geral, as pessoas sabem quais são suas necessidades. Em minhas aulas e palestras costumo dar o exemplo da fluoretação das águas e dos cremes dentais, ao abordar esse tema. Técnicos sabem da importância dessas medidas para a "produção social da saúde bucal". Mas dificilmente uma pessoa comum saberá identificar uma medida desse tipo como uma necessidade dela, em termos de saúde. É assim em várias áreas da saúde, nos planos físico e mental. Então, o maior desafio dos que organizam e gerenciam sistemas e serviços de saúde é assegurar às pessoas, o acesso tanto às ações de "assistência médica" quanto aos cuidados de que necessitam, sobretudo quando esses cuidados não são sentidos ou percebidos como necessários pelas pessoas. Pode parecer estranho mas, num grande número de casos, as pessoas não sabem do que necessitam em termos de saúde. E não há nada errado com isso, pois há situações em que nem mesmo os melhores especialistas sabem exatamente quais são essas necessidades e, portanto, que ações devem ser realizadas. Embora profissionais de saúde não gostem de reconhecer que não sabem os que as pessoas necessitam, isso acontece. Parece confuso, mas é simples assim: não se sabe tudo sobre as necessidades em saúde.

Pesquisas epidemiológicas ajudam a identificar necessidades em populações, e sistemas e serviços de saúde deveriam ser organizados também a partir desses conhecimentos. Nas atividades clínicas rotineiras, o que cada pessoa sente, e o que for identificado como sua necessidade, deve ser levado em conta ao se definirem diagnóstico e terapia. Os incumbidos de cuidá-la devem, autonomamente, com base em seus conhecimentos e convicções científicas, decidir, em conjunto, o que fazer em cada caso.

Deveria ser assim, mas o mercado pode desvirtuar tudo. Procedimentos médicos e também o uso de medicamentos, que decorram de motivações outras que não as necessidades de saúde de cada pessoa, não podem ser considerados cuidados de saúde, mas mercadorias. Mal utilizadas, produzem danos e podem matar. Reduzidos a mercadoria, os cuidados de saúde ficam à mercê das regras de mercado levando à perda de autonomia os profissionais de saúde envolvidos. Estes, muitas vezes, perdem também o rumo, descambando ladeira abaixo no plano ético. Não se reconhecem mais – nem são reconhecidos – como profissionais de saúde, pois suas decisões passam a ser regidas não por seus conhecimentos e convicções científicas, mas por sua conta bancária. Transformados em outra coisa, agem como acionistas operando na bolsa de valores. Por vezes, tomam estranhas decisões.

Bem, comecei falando da morte de Michael Jackson, e isso motivou essas considerações sobre saúde e assistência médica. Voltando ao tema.

Transformado em mercadoria no mundo dos negócios bilionários do entretenimento globalizado, Michael Jackson foi vítima das regras do mercado. Suas necessidades em saúde, suas necessidades para "estar bem no mundo", fizeram dele um consumidor voraz de medicamentos, os quais consumia como quem usa goma de mascar. O autoconsumo de medicamentos, alguns até de uso restrito a ambientes cirúrgicos, foi destruindo-o. Os profissionais de saúde que poderiam deter essa destruição não agiram. Não colocaram em primeiro lugar as necessidades da pessoa de que cuidavam, de acordo com seus conhecimentos e convicções científicas. Para esses profissionais, Jackson não era mais uma pessoa a ser cuidada. Havia sido reduzido a uma espécie de caixa registradora de onde saíam seus polpudos honorários. Não havia porque matá-lo. Mas não havia, igualmente, autonomia para detê-lo, reféns que ficaram do dinheiro que recebiam para fazer-lhe as vontades, mesmo correndo o risco de matá-lo. Mataram-no, com efeito. Mas, quem? O médico? Farmacêuticos? Enfermeiros? O mordomo? Nenhum deles, nem mesmo o médico, apontado como o principal suspeito. Foi o mercado quem matou Michael Jackson. A redução do cuidado de saúde à condição de mera mercadoria, passível de compra e venda, é a principal distorção a que são vulneráveis os sistemas e serviços de saúde, pois essa transformação agride a autonomia dos profissionais e fere, às vezes mortalmente, as pessoas que a eles confiam suas vidas.

Publicado em 02/09/2009 no *Jornal do Site Odonto* (www.jornaldosite.com.br)

* Paulo Capel Narvai - Cirurgião-dentista sanitarista. Mestre e Doutor em Saúde Pública. Professor Titular da Universidade de São Paulo. Autor de *Odontologia e Saúde Bucal Coletiva* (Ed.Santos, 2002) e de *Saúde bucal no Brasil: muito além do céu da boca* (Ed.Fiocruz, 2008). E-mail: pcnarvai@usp.br